

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS**

**AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: ANÁLISE DE AMOSTRA DE FALA INFANTIL
PAUTADA NA LINGUISTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO**

INGRID NOBRE SILVA

Rio de Janeiro

2021

INGRID NOBRE DA SILVA

AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: ANÁLISE DE AMOSTRA DE FALA INFANTIL
PAUTADA NA LINGUISTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciada em Letras na habilitação
Português/Literaturas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Maura Cezario
Coorientador: Prof. Dr. Roberto de Freitas Junior

RIO DE JANEIRO

2021

Silva, Ingrid e Nobre.

Aquisição da Linguagem: Análise de amostra de fala infantil
pautada na Linguística Funcional Centrada no Uso – 2021.
00 f.

Orientadora: Maria Maura Cezario.

Coorientador: Prof. Dr. Roberto de Freitas Junior

Monografia (graduação em Letras habilitação Português —
Literaturas) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro
de Letras e Artes, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 00-00.

1. Ensino. 2. Produção textual argumentativa. I. SILVA, Ingrid.
II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras,
2020.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ser a primeira da minha família materna e paterna a adentrar em uma faculdade pública, pela minha saúde e por ter me ajudado a superar todos os obstáculos que se levantaram ao longo da graduação.

Agradeço a minha mãe que ouviu meus lamentos, me animou, incentivou e ao meu pai por me ajudar da forma que conseguiu.

Agradeço aos meus amigos e amigas que me deram forças e incentivaram com palavras amigas nos momentos em que eu achei que não iria conseguir.

Agradeço principalmente a minha orientadora Maura, pelas correções e por toda ajuda que me deu durante essa pesquisa, por toda gentileza e disponibilidade.

Enfim, ninguém conquista nada sozinho e a essas pessoas ofereço minha gratidão.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1. "AQUISIÇÃO: A VISÃO SOCIOCOGNITIVA DE TOMASELLO"	7
2. METODOLOGIA.....	14
2.1- A Amostra.....	14
2.2- Dados Coletados e Modo de Análise	14
3 ANÁLISE: CONSTRUÇÕES PRODUZIDAS NUMA AMOSTRA DE FALA.....	16
3.1- As Construções Produzidas pela Criança.....	16
3.2- Construções V1+V2.....	22
4 A ABORDAGEM DE TOMASELLO E AS CONSTRUÇÕES DA AMOSTRA ANALISADA	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

INTRODUÇÃO

O processo de aquisição da linguagem infantil é objeto de estudo de diversos linguistas, psicólogos e outros especialistas que tentam entender como uma criança consegue adquirir a linguagem de forma tão rápida e eficiente. O presente trabalho utiliza os pressupostos teóricos da vertente de estudos ligada a Linguística Funcional Centrada no Uso (CEZARIO; FURTADO DA CUNHA, 2013; CEZARIO; ALONSO, 2019), doravante LFCU, para analisar amostras de fala de uma criança com 20 meses de idade, chamada no decorrer do texto de criança ‘B’.

Segundo Tomasello, responsável por várias pesquisas em aquisição da linguagem, por volta dos 9 meses de idade já se percebe nas crianças intenções comunicativas, por exemplo, quando choram com o objetivo de ganhar algo em troca ou para demonstrar para alguém satisfação ou insatisfação com alguma coisa. Mas é somente a partir de 1 ano que começam a adquirir as convenções linguísticas passando pelas quatro fases da aquisição (conforme demonstraremos neste trabalho) até adquirirem as construções linguísticas mais complexas.

A Linguística Funcional Centrada no Uso usa pressupostos do funcionalismo norte-americano (GIVON, 1995; HOPPER, 1990; HEINE et alii, 1993) e da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001), a qual defende que a língua é uma rede de construções conectadas, com semântica, morfossintaxe, fonologia e pragmática se articulando para funcionamento da comunicação através de línguas naturais. Entende-se que novas construções estão sempre sendo criadas, sobretudo pelos adultos e que, portanto, a língua está em constante mudança.

Nosso objetivo principal é analisar como se dá a aquisição de construções linguísticas de uma língua materna por uma criança de 20 meses de idade (doravante criança B). Para isso, usaremos os pressupostos teóricos da abordagem de Tomasello (2001) e trabalharemos com uma amostra de gravação da criança B.

A partir da análise desenvolvida, veremos quais são essas construções, suas motivações cognitivas e discursivas, se as fases de aquisição descritas por Tomasello são encontradas na fala da criança e de que forma o meio em que ela está inserida interfere no seu repertório de palavras e construções, visto que a LFCU parte do ponto que a linguagem emerge à medida que é usada e que o meio e os estímulos dados à criança são de suma importância para o seu desenvolvimento.

O trabalho divide-se em capítulos intitulados respectivamente como: *Aquisição da Linguagem segundo uma abordagem centrada no Uso*; “Metodologia” que se subdivide em:

“A amostra e Dados coletados” e “Método de Análise”; “Análise: Construções Produzidas em uma amostra de fala” que também se subdivide em: “As construções produzidas pela criança” e “Construções V1+V2”; “A abordagem de Tomasello e as construções da amostra analisada” e “Considerações finais”.

1. "AQUISIÇÃO: A VISÃO SOCIOCOGNITIVA DE TOMASELLO"

Nossa pesquisa usa a abordagem teórico-metodológica da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) que lida com pressupostos da linguística funcional norte-americana e da Linguística Cognitiva (sobretudo da Gramática de Construções). Ambas procuram não somente analisar a estrutura gramatical, mas também as motivações cognitivas e discursivas, por conseguinte se diferenciam de abordagens formalistas as quais afirmam que existe um sistema linguístico interno e inato. A LFCU lida com dados produzidos em contextos reais de comunicação, seja da modalidade oral ou escrita da língua, retirados de algum corpus para a análise quantitativa e/ou qualitativa.

Nesta visão, a língua é uma rede de nós ligados por elos, ou seja, são estruturas conectadas umas às outras, em que a semântica, morfossintaxe, fonologia e a pragmática se articulam para funcionamento e estruturação das línguas. Além disso, defende que temos capacidades cognitivas, não específicas à linguagem, que são responsáveis pelos pensamentos linguísticos, armazenamento de memórias, pensamentos analógicos, dentre outras capacidades as quais são fundamentais para o processo de aquisição. Essas capacidades juntamente com a capacidade de leitura de intencionalidade são responsáveis pelo desenvolvimento da linguagem humana.

Diante disso, entendemos que a LFCU tem como objetivo analisar a língua do ponto de vista linguístico e extralinguístico. Segundo Bybee (2010), “o princípio básico da Linguística Baseada no Uso (correspondente ao que no Brasil se denomina LFCU) consiste no fato de que a estrutura da língua emerge à medida que esta é usada.

Dentre os estudos funcionalistas da linguagem, Tomasello, com seu livro “Origens Culturais do Conhecimento Humano” (2003), base teórica de nossa pesquisa, é o um dos grandes nomes no que refere a compreensão de como uma criança adquire linguagem, dentro da perspectiva funcionalista, objetivo principal deste trabalho.

Segundo o autor, 6 milhões de anos separam os humanos dos grandes macacos até chegarmos à evolução do *Homo Sapiens*. Entretanto, esse tempo é relativamente muito curto para que o homem tenha evoluído de forma tão surpreendente, adquirindo capacidades cognitivas de comunicação e representação simbólica. Dessa forma não desenvolvemos um órgão mental específico para a linguagem, como propõem as correntes inatistas e sim desenvolvemos nossas habilidades socioculturais.

Ainda de acordo como autor, existiria, então, um mecanismo biológico chamado *transmissão cultural* que pode ser a alavanca dessa evolução rápida, consistindo na existência de padrões fixos que são disseminados de pai para filho, ou de espécie para espécie, por forma de imitação ou educação.

O processo de transmissão cultural assegura essa rápida evolução, visto que de geração em geração coisas novas são descobertas, o que não aconteceria se cada filhote que nascesse tivesse que aprender do zero, sem imitar ou educar-se do que sua espécie já descobriu. Isso se perpetua de geração em geração dando continuidade ao processo.

Nos humanos existe um processo chamado de *aprendizagem cultural* que pode ser dividido em três tipos: (i) aprendizagem por imitação, (ii) aprendizagem por instrução e (iii) aprendizagem por colaboração. Estes mecanismos são possíveis, pois os humanos têm uma espécie de *cognição social*, o que os permite compreender que os seres são iguais a ele.

As crianças entram nessa coletividade cognitiva a partir dos 9 meses de idade, conhecido como *revolução dos 9 meses*, em que elas começam a aprender imitativamente e fazem tentativas de compartilhar atenção. Elas começam a entender que os adultos usam símbolos e se comunicam com alguma intenção, ou seja, são que são agentes intencionais. Para que a criança entenda o uso de uma ferramenta, convencionalmente ela tem que entender o porquê de se usar a devida ferramenta, o modo e a intenção.

Isso emerge por meio da interação da criança com as pessoas e de inúmeras maneiras, até que ela entenda que o adulto está fazendo determinado barulho engraçado, expressões faciais e movimentos manuais esperando algum retorno da criança. Mas para que elas compreendam a intenção comunicativa, precisam estar inseridas em uma *cena de atenção conjunta*, que acontece quando o adulto e a criança prestam atenção em uma terceira coisa por um período razoável de tempo e assim, portanto, chegam a conseguir imitar e inverter os papéis, podendo fazer determinada ação para que o adulto dê um retorno para a criança (e vice versa).

Por isso, devemos abordar nos primórdios da linguagem considerando os eventos e estados de coisas neles envolvidos como um todo - cenas complexas de experiência com um ou mais participantes em seus contextos espaço-temporais - porque é disso que as crianças falam. (TOMASELLO, 2003:190)

Quando as crianças fazem suas primeiras construções linguísticas, falam de eventos e estados de coisas no mundo, pequenas palavras são ditas com propósito e somente após a fase da aquisição elas brincam de nomear objetos ou ações somente por nomear. No momento em

que uma criança aprende uma nova palavra, ela só entende aquela palavra dentro de um contexto em que o vocábulo se insira e ela própria se veja dentro desse cenário, e assim ela tem um significado. Essa palavra ainda não tem significado fora desse contexto, apenas após a aquisição ela a compreende em novos contextos.

De acordo com o inatismo (defendido pelos gerativistas), quando pequenos já nascemos com construções linguísticas abstratas postuladas na nossa cognição, assim como os adultos, porém, uma crítica possível a ser feita a esse modelo seria o fato de todas as línguas terem, então, que apresentar os mesmos princípios básicos, o que sabemos que não acontece, visto que não sabemos falar todas as línguas e temos dificuldade de aprender uma segunda língua.

Para a LFCU, as construções linguísticas abstratas adquiridas pelas crianças são construídas por elas a partir das ocorrências (concretas) que elas escutam em um contexto comunicativo específico e isso acontece através das cenas de atenção conjunta a partir dos 9 meses de idade, conforme dito anteriormente.

“Por isso, devemos abordar nos primórdios da linguagem considerando os eventos e estados de coisas neles envolvidos como um todo - cenas complexas de experiência com um ou mais participantes em seus contextos espaço-temporais - porque é disso que as crianças falam.” (TOMASELLO, 2003 pág. 190)

O processo de aquisição é desenvolvido em 4 fases, segundo Tomasello. São elas: (a) holófrases, (b) construções verbais insuladas, (c) construções abstratas e (d) narrativas. Aos 9 meses de idade, já se percebem intenções comunicativas da parte dos bebês quando choram e produzem alguns sons por exemplo, mas somente a partir de um ano começam a adquirir as convenções linguísticas, primeiramente de forma imperativa, declarativa e posteriormente interrogativamente.

As cenas de atenção conjunta são imprescindíveis para que esse processo ocorra, os sons e posteriormente as palavras são ditas com a intenção de que o adulto faça algo que a criança deseja, fato que vai de acordo com a compreensão da estrutura *intencional-causal* que é exclusiva à espécie humana.

A primeira fase da aquisição da linguagem, a holófrase, acontece por volta dos 14 meses de idade, em cenas simbolizadas indiferenciadas, e pode ser definida como: “Expressão linguística de uma só unidade que exprime todo ato de fala.” (TOMASELLO, 2003, pág.192).

Essas expressões linguísticas são encontradas na amostra analisada para esta monografia e que será minuciosamente descrita no decorrer do trabalho. A amostra foi coletada quando a

criança B já tinha 1 ano e 8 meses, ou seja, 20 meses de idade, mas ainda são encontrados exemplos de holófrases neste *corpus*, o que aponta para o fato de que uma fase pode ocorrer simultaneamente, uma dentro da outra. Tal fato pode ser atestado em nós adultos, que também utilizamos holófrases para nos comunicar e mesmo já com a língua materna adquirida.

No início do corpus, a criança B está vendo um livro de histórias com um adulto e é lhe é feita a seguinte pergunta: “Quem é esse?” e ela responde “Totó”, que devido ao nosso conhecimento de mundo, deduz-se ser um cachorro. Nesse momento, encontra-se uma cena de atenção conjunta, em que a criança e o adulto prestam atenção em uma terceira coisa e a pequena consegue nomear o que lhe perguntado.

Como dito anteriormente, primeiramente a criança só entende o significado de uma palavra quando inserida dentro de um contexto X, mas se a criança B estivesse na rua e visse um cachorro, já iria conseguir nomear “Totó”, por mais que tivesse aprendido essa palavra em um outro contexto, ou seja, na cena de experiência com um livro de histórias, por exemplo.

Depois de compreender e conseguir passar pela primeira fase, a de uma palavra, aos poucos as crianças começam a produzir estruturas com mais componentes, ou seja, mais de um nível de organização, iniciando, assim, a segunda fase intitulada como “construções verbais insuladas”.

Esta fase geralmente se inicia aos 18 meses de idade e agora a criança precisa aprender a indicar os papéis dos participantes na cena de experiência, como agente, paciente e diferenciar os eventos em cenas separadas.

A fase 2 é dividida em duas partes: a primeira parte é composta de “construções pivô”, que são estruturas sem verbo, constituídas de uma palavra constante e uma variável X, para designar o participante. Percebe-se isso quando, por exemplo, se utiliza a palavra “mais” e se acrescentam substantivos quando a criança quer algo, “mais água”, “mais biscoito”, “mais sorvete” e a partir dessas construções elas começam a criar outras mais difíceis.

A partir dos 22 meses, a criança consegue estabelecer, de fato, as construções verbais insuladas, em que elas conseguem marcar simbolicamente os participantes. Isso pode ser verificado em construções S+V+OBJ. No *corpus* analisado, aos 20 meses, a criança B já tinha essas estruturas em sua fala. Em determinado momento, em uma conversa com sua tia, ela diz: “Mamãe pega rádio” (“Mamãe pega o rádio”) em que sua estrutura é formada por S+V+OBJ.

Aos 36 meses aproximadamente, iniciam-se as “construções abstratas”, também chamadas de “gerais”, que ocorrem em cenas categorizadas, em que há marcação simbólica dos papéis dos participantes, que são construídos através de padrões retirados das construções insuladas.

As construções abstratas podem passar a ser um símbolo que obtenha um significado, independentemente das demais palavras que foram acrescentadas a ela. Vale ressaltar que os adultos também não têm uma linguagem totalmente abstrata, visto que sua estrutura linguística é, em sua maioria, centrada em verbos.

“Pode-se, portanto, afirmar de forma geral que as crianças pequenas principiam com construções linguísticas baseadas em itens linguísticos singulares e só gradualmente formam construções mais abstratas – que podem então tornar-se entidades simbólicas que constituem uma camada adicional na competência linguística.” (TOMASELLO, 2003:199)

De acordo com uso da língua e do desenvolvimento das capacidades cognitivas, chega-se à quarta fase, que é a fase “narrativa”, cujas crianças já conseguem descrever situações e se utilizam de um conjunto de construções linguísticas complexas com mais de uma oração, utilizando conectivos para desenvolver a narrativa. Processo esse que não era muito bem entendido na época que foi descrito por Tomasello, mas que hoje já vemos a evolução das pesquisas sobre essa fase.

Dentro de minha experiência de quatro anos na área docente ¹com crianças na faixa etária de 1 ano e 7 meses (19 meses) a 3 anos de idade (36 meses), vejo que as etapas propostas por Tomasello se mesclam e não necessariamente começam ou terminam dentro do que foi colocado por ele, pois, ao meu ver, crianças que convivem exclusivamente com adultos, os quais estimulam e conversam vastamente com elas, passam por essas etapas mais rapidamente. Em contrapartida, as crianças que têm menos estímulos por parte dos adultos demoram mais a adquirir as construções insuladas e abstratas, ficando mais tempo nas construções pivô e nas holófrases. Porém, isso é apenas uma hipótese partindo de uma observação não controlada, hipótese esta que não poderemos testar nesta monografia.

Isso envolve a noção de perspectivação, em que a criança ou o adulto (a todo momento temos que escolher) reconhecem a forma se expressar, as palavras e construções que se encaixam melhor em determinado contexto, dentro da cena de atenção conjunta, de forma específica.

‘A hipótese dos verbos insulados propõe que a competência linguística inicial das crianças está totalmente composta de um inventário de construções linguísticas deste

¹ Professora regente na turma Maternal na instituição Escola e Creche Sementinha.

tipo: verbos específicos em encaixes para participantes, cujos papéis são marcados simbolicamente de forma individual.” (TOMASELLO, 2003: 194)

Um exemplo disso pode ser visto quando o falante escolhe utilizar o pronome “ele”, ao invés de abordar o seu referencial, entende-se que ele deduz que seu ouvinte saberá quem é este referencial no momento em que está proferindo a sentença, dentro da cena comunicativa. O mesmo acontece quando utilizamos o adjetivo *linda* ao invés de *bonita*: semanticamente o primeiro adjetivo parece ter uma carga maior de intensidade se comparado ao segundo, mas em alguns contextos podem ser sinônimos. Porém, na hora de fala, escolhemos um ou outro de acordo com o contexto e com a nossa intenção comunicativa.

“O modelo de Langacker (1991) considera a cena de atenção conjunta (evento discursivo em andamento) como ponto central a partir do qual qualquer evento específico pode ser localizado no tempo como no passado, presente ou futuro – ou, às vezes, num tempo imaginário, como no caso de um evento que eu espero que aconteça.” (TOMASELLO, 2003:215)

Perspectivação vai além de uma simples escolha de palavras, mas também na descrição de um acontecimento, por exemplo, o falante pode escolher como fazê-lo de acordo com a sua construção da cena, usar estruturas para destacar o sujeito, ou os participantes, ou o objeto direto, ou outro componente da estrutura da sentença que deseja enfatizar de acordo com a sua perspectiva a respeito da opinião do ouvinte.

As línguas humanas são consideradas complexas, porque tudo depende não só da perspectiva que o falante tem de uma cena e do que ele quer passar para o seu ouvinte, mas também de como determinada cena vai ser inserida dentro da cena de atenção conjunta no ato comunicativo.

“As construções de frases mais comuns e recorrentes de uma língua fornecem pacotes preestabelecidos, convencionados ao longo do tempo histórico, para fazer esse tipo de coisa, e as crianças simplesmente os aprendem. Mas elas ainda têm de desenvolver a capacidade pragmática de escolher de modo eficaz entre as diferentes opções em diferentes circunstâncias comunicativas.” (TOMASELLO, 2003:218)

A linguagem é importantíssima para a construção da visão de mundo da criança e para o melhor desenvolvimento de suas cognições, pois ela leva a criança a perceber melhor o mundo ao seu redor, analisar os eventos e os participantes deles e a construir, a partir da língua, a

perspectivação, a relação entre ações e objetos; além de ordenar, conceituar e desenvolver seu raciocínio o que não aconteceria se não houvesse a linguagem.

Na visão teórica adotada aqui, entendemos que uma língua é formada por uma rede de construções linguísticas. Cada construção é um pareamento de forma e função, com as seguintes especificações:



Figura 1: Propriedades da construção. Fonte: Croft, 2001:18.

As construções podem ser formadas por um morfema, uma palavra, uma expressão idiomática ou por um esquema mais abstrato. Todas são pareamentos de forma com função. Durante toda a nossa vida, aprendemos construções novas a partir de outras já existentes. As crianças, em fase de aquisição da língua materna, aprendem num espaço curto de tempo um número grande de construções, e o fato de adquirirem construções mais abstratas (ou esquemáticas) facilita muito todo o processo, pois possibilita a criatividade linguística. A partir do momento que a criança aprende uma construção abstrata como [X Verbo Y], ela pode criar e compreender um número imenso de frases. O conjunto de construções em rede de uma língua é chamado de *constructicon*.

Então, depois de entendermos como funciona o processo de aquisição da linguagem de acordo com a visão funcionalista da linguagem, iremos analisar a amostra da fala de uma criança de 1 ano e 8 meses (20 meses). Veremos quais construções ela já adquiriu e se as fases descritas por Tomasello estão sendo interpretadas a partir efetivamente do uso da língua. Além disso, observaremos outros aspectos linguísticos e extralinguísticos que possam ser pertinentes a todo processo.

2. METODOLOGIA

2.1- A Amostra

A amostra analisada descreve a fala de uma criança de 1 ano e 8 meses, ou seja, 20 meses de idade e retrata um contexto real de fala, em que um adulto faz perguntas para a criança, conta histórias, canta músicas e, durante a gravação, interage com ela na intenção de que ela demonstre o repertório de palavras e construções já adquiridas.

Ela foi coletada em abril de 1995. Os dados foram gravados em uma fita cassete, principal instrumento de gravação de áudios e músicas da época, e transcritos pela pesquisadora Maria Maura Cezario e por uma aluna de iniciação científica. Essa amostra foi utilizada em outros trabalhos, como Cezario (2003), Almeida (1998).

Na descrição, veremos que “B” simboliza a fala da criança e “E” a fala do entrevistador que, pelo contexto das falas, ora é a mãe, ora é a tia. Por exemplo:

“E- Aqui. Chiquita tá fazendo o quê?

B- Bicoto, pão.”

Essas falas são organizadas cronologicamente e são devidamente datadas. Ao final também se encontram transcrições de fala que não foram gravadas, porém, a pesquisadora achou pertinente anotar por apresentar alguma especificidade ou uma nova construção.

A descrição é minuciosamente fiel à fala da criança, dessa forma não há correções gramaticais. Os parênteses que aparecem vez ou outra na fala da criança representam momentos em que o que é dito é incompreensível. Veremos ao longo da amostra que essas palavras entre parênteses (RISOS), (PAUSA), (RESPONDE BAIXO) (SILÊNCIO) nos ajudam a entender melhor o contexto.

Diante disso, usaremos a amostra descrita nesse tópico para analisar as construções que essa criança já possui aos 20 meses de idade e as analisaremos de acordo com os critérios que serão descritos nos próximos tópicos.

2.2- Dados Coletados e Modo de Análise

De pronto, vemos na fala da criança muitas holófrases e algumas palavras incompreensíveis, mas, no decorrer dos dados, conseguimos ver que ela já formula orações e nossa análise partiu desse ponto. Analisamos sintaticamente as orações ditas e dessa forma identificamos as construções que ela já tem.

Separamos as construções a partir de padrões sintáticos e coletamos na fala da criança B as 10 primeiras ocorrências de cada construção. Algumas tiveram mais de 10 ocorrências e outras foram mais escassas.

Separamos todas as construções desde a mais simples a mais abstrata e descrevemos tudo o que encontramos, incluindo os elementos comunicativos que a criança usou para construir suas orações.

Observando as ocorrências, encontramos as construções a seguir:

- 1) (S)+V: (sujeito) + verbo
- 2) (S)+V+OBJ: (sujeito)+ verbo+ objeto
- 3) (S)+V+PRED: (sujeito)+ verbo+ predicativo
- 4) (S)+V+ADJ ADV: (sujeito)+ verbo+ adjunto adverbial
- 5) (S)+ V AUX+ V PRINC: (sujeito)+ verbo auxiliar+ verbo principal
- 6) (S)+ V AUX+ V PRINC+ ADJ ADV: (sujeito)+ verbo auxiliar+ verbo principal+ adjunto adverbial
- 7) (S)+ V AUX+V PRINC+OBJ: (sujeito)+ verbo auxiliar+ verbo principal+ objeto
- 8) (S)+V+ OBJ+ADJ ADV: (sujeito)+ verbo+ objeto+ adjunto adverbial
- 9) CONSTRUÇÃO COM TER EXISTENCIAL

Essas construções serão descritas e comentadas na próxima sessão. Apenas para exemplificar, consideraremos aqui dois exemplos:

em “Titia coloca”, temos um exemplo da construção (S)+V. Nessa construção, o sujeito está expresso e temos o verbo “*colocar*”, que é proferido de forma a ser compreendido. Um exemplo da construção (S)+V+OBJ pode ser visto na oração “Comendo a comida”, em que o sujeito não está expresso, a presença do verbo “*comer*” no gerúndio e também o objeto “comida”.

3 ANÁLISE: CONSTRUÇÕES PRODUZIDAS NUMA AMOSTRA DE FALA

3.1- As Construções Produzidas pela Criança

Observando a amostra de fala da criança B, vemos que a todo momento a entrevistadora faz perguntas a ela que responde inúmeras delas apenas com a construção Sujeito+ Verbo ((S)+V). Ela expressa o sujeito poucas vezes nesse tipo de construção, mas veremos que em outras construções, ela já prefere expressar o sujeito. Tal fato evidencia a sua intenção comunicativa.

Colocamos no quadro a seguir 10 ocorrências deste tipo de construção. A idade que a criança tinha quando proferiu cada uma delas está em parênteses. Aqui, temos exemplos de fala entre 20 e 21 meses.

Quadro (1): Construção (S)+V

	(S)+ V
	(S)+V
1	Gosto (20M)
2	Tem (20M)
3	Vame. (20M)
4	Qué. (20M)
5	Sumiu. (20M)
6	Pode (20M)
7	Cordô (21M)
8	Titia coloca. (21M)
9	Patinho caiu. (21M)
10	Chuvendo (20M)

Ela ainda não fala com a pronúncia igual à do adulto, mas dentro do contexto se consegue entender o que ela quer dizer. No exemplo 3, ela diz “vame” (“vamos”, que representa o verbo “vamos”; no 4 ela diz “qué” (“quer”), representando “quero” e no 7, “cordô”, representa a forma “acordei”.

Nos exemplos 8 e 9, ela expressa os sujeitos das orações “*Titia*” e “*Patinho*”, respectivamente. Se observarmos a idade ao lado dos exemplos, veremos que ela escolheu expressar o sujeito nos exemplos que coletamos quando ela tinha completado 21 meses e quando ela fala na terceira pessoa.

Na construção (S)+V, observamos 8 exemplos são ditos pela criança B aos 21 meses, nesses exemplos vemos que sujeito está expresso e nos exemplos 1 e 2 em que ela ainda tem 20 meses o sujeito está implícito.

No exemplo 3, “*toaia*” quer dizer *toalha*, no 4 “*óqisti*” quer dizer óculos, no 5 “*áudio*” quer dizer *rádio*, no 7 “*qué*” o verbo *quer* e “*coiochiti*” não foi possível identificar nem no contexto, mas o exemplo demonstra que ela segue, conhece e domina a construção e que ela vai mudando somente o *slot* (lacuna), mas o padrão estrutural não muda.

Quanto à construção Sujeito+ Verbo+ Predicativo ((S)+V+ PRED), vemos que os exemplos, em sua maioria, são ditos aos 21 meses de idade, os verbos são de ligação e ela já domina essa construção. Encontramos mais de 10 exemplos dessa construção, mas separamos apenas os 10 primeiros.

Quadro (2): Construção (S)+V+PRED

	(S)+V+PRED
1	Papai tá nojo. (20m)
2	Vovô tá cansado. (20m)
3	Neném tá feiz. (20m)
4	Papai é rico, heim (21M)
5	Papai é miito (21M)
6	Neném é pequeno (21M)
7	Neném é gande (21M)
8	Buneca é pequena (21M)
9	Binquedo tá sujo (21M)
10	Tá frio. (20m)

Nos exemplos 1, 2 e 3, “*tá*” representa o verbo de ligação *está*. Em 4, 5, 6 e 7, ela utiliza o verbo de ligação “*é*” e depois do verbo usa um predicativo para qualificar o sujeito. No

exemplo 3,” feiz” significa “*feliz*”. No exemplo 5, “*miito*” quer dizer *bonito*; em 7, “*gande*” quer dizer grande, em 8, “*buneca*” quer dizer *boneca* e em 9, “*brinquedo*” quer dizer *brinquedo*.

Da construção Sujeito+ Verbo+ Adjunto adverbial ((S)+V+ADJ ADV), temos exemplos ditos pela criança aos 20 meses e aos 22 meses e vemos que ela já usa corretamente os adjuntos adverbiais. Além disso, deixa o sujeito expresso nos exemplos 1, 2 e 3. Já nos demais, ela não marca o sujeito. Vale ressaltar que, no exemplo 1, quando ela diz “neném”, refere-se a si mesma.

Quadro (3): Construção (S)+V+ADJ ADV

	(S)+V+ ADJ ADV
1	Neném tá aqui sentado. (20m)
2	Vovó foi in butiquim (22M)
3	titia vem aqui (22M)
4	Guado dento de bolso(20M)
5	Tá em cima. (20m)
6	Tá'qui (20m)
7	Cooça qui dento(20m)
8	tá na sala (20m)

No exemplo 2, a expressão “in *butiquim*” quer dizer “no *butuquim*”; no exemplo 4, “*guado*” é o verbo “*guardou*”; no exemplo 7, “*cooca*” é o verbo “*coloca* e “*qui*” é o advérbio “*aqui*”. No exemplo 6, vemos um exemplo de um processo chamado aglutinação, pois o “*tá'qui*” se transforma em uma palavra só.

Uma construção muito recorrente na amostra é a (S)+V AUX+ V PRINC. Devido à alta frequência e a sua complexidade, por se tratar de uma estrutura locucional, decidimos aprofundar mais sua análise numa seção à parte (seção 3.2).

No exemplo 2, “*quevendo*” é o verbo “*escrevendo*”; em 5, “*coocando*” corresponde ao verbo “*colocando*” e no exemplo 6, “*coendo*” corresponde a “*correndo*”.

Quadro (4): Construção (S)+V AUX+ V PRINC

	(S)+ V AUX+ V PRINC
1	Tá colocando mão potoque (20M)
2	Tá quevendo(20m)
3	To bincando (20m)
4	Tá mimindo (20m)
5	To coocando(20m)
6	Tá coendo. (21m)
7	Tá chuvendi não (21m)
8	Tá pegando (21M)
9	Tá massando mamãe (21M)
10	Tá caindo (21M)

Encontramos também a construção Sujeito + Verbo Auxiliar + Verbo Principal + Adjunto Adverbial ((S)+ V AUX+ V PRINC+ ADJ ADV). Vemos que nessa construção ela não expressa o sujeito e como na construção anterior, ela também utiliza corretamente os adjuntos adverbiais. Vemos a recorrência desse padrão a partir dos 21 meses dentro do *corpus*, ela utiliza essa construção 4 vezes, isto é, menos vezes se comparada às outras construções, mas é o suficiente para atestarmos que ela já adquiriu essa construção.

Quadro (5): Construção (S)+VAUX + V PRINC+ ADJ ADV

	(S)+VAUX + V PRINC+ ADJ ADV
1	quero sentá aqui. (21M)
2	vem senta aqui na cama (22M)
3	Qué ficá sentada aqui. (22M)
4	Vai senta na cadera (21M)
5	Galo ta mimindo na casa dele (21M)

No exemplo 1, “*sentá*” é o verbo ‘*sentar*’; no exemplo 3, “*que*” é o verbo “*querer*” e “*ficá*” o verbo *ficar*.

Quadro (6): Construção (S) + V + OBJ

	(S) + V + OBJ
	comendo a comida (20m)
	Mexe rádio de vovô (20m)
	Cigaga qué toaia (21m)
	Vovó tem óquisti (21m)
	Mamãe pega ádio (21M)
	Mamãe vira o rosto (21M)
	Neném qué a coiochiti (21M)
	Me dá caeta (21M)

A criança B já tem a construção (S)+V+OBJ, construção bastante utilizada por ela durante a amostra. Se observarmos aos 21 meses de acordo com os dados retirados, ela expressa o sujeito, o que aos 20 meses já não se observa.

Além das construções explicitadas anteriormente, vemos também a construção Sujeito +Verbo Auxiliar + Verbo Principal+ Objeto ((S)+V AUX+ V PRINC+ OBJ), construção essa que ela já apresentava aos 20 meses.

Quadro (7): Construção (S)+V AUX+ V PRINC+ OBJ

	(S)+V AUX+ V PRINC+ OBJ
1	Quer... qué... brinca binquedo (20m)
2	Neném tá mexendo no médio de vovô. (20m)
3	Gainha tá comendo pao (21m)
4	Neném quá coocá dedo tá boca (21M)
5	Gato qué bebê água(21M)
6	Titia ta marrando sapato (20M)

7	Qué moiá totó. (20m)
8	Quero mitá ursinho (21M)
9	Quero coóca pilha (21M)
10	Qué fazê carinho ni joaninha (21M)

No exemplo 4, “*qui*” e “*coocá*” corresponde aos verbos quero e colocar, respectivamente. No exemplo 7, “*moiá*” é o verbo molhar; no exemplo 8, “*mitá*” é o verbo imitar. Percebemos também que tanto nessa construção, quanto na outra, ela está utilizando preposições como “de”, “no”, “ni”, no entanto nessa construção verifica-se o uso mais frequente desses elementos.

Na construção a seguir, temos Sujeito+ Verbo+ Objeto+ Adjunto Adverbial ((S)+V+OBJ+ADJ ADV). São exemplos de 3 diálogos diferentes e podemos ver como ela já consegue construir orações com conectivos aos 21 meses, como no exemplo 1.

Quadro (8): Construção (S)+V+OBJ+ ADJ ADV

	(S)+V+OBJ+ADJ ADV
1	É firmiga mordeu perna de neném, na casa de vovó Malene (21M)
2	Neném colocá perna aqui (22M)
3	Fez xixi na cama (20M)

Apesar de só ter 3 dados dessa construção, pelo padrão sintático das orações, conseguimos concluir que ela já adquiriu essa construção e é capaz de criar outras novas a partir dessa que ela já aprendeu.

O quadro a seguir mostra construções em que ela utiliza o verbo *ter* com o valor existencial.

Quadro (9): Construção com TER EXISTENCIAL

	TER EXISTENCIAL
1	Tem coelinho aqui? (TER EXISTENCIAL+OBJ+ADJ ADV) (20m)

2	Tem muito. (VERBO TER EXISTENCIAL+OBJETO) (20m)
3	Tem neném aqui não (22m)

3.2- Construções V1+V2

Nesta seção, aprofundaremos a análise de uma construção considerada complexa na literatura linguística: a construção com perífrases verbais, em que há um verbo auxiliar (que chamaremos de V1) e um verbo principal (que chamaremos de V2).

Essa construção abarca as construções mencionadas na seção anterior como:

(S)+ V AUX+ V PRINC

(S)+ V AUX+ V PRINC+ ADJ ADV

(S)+ V AUX+V PRINC+OBJ

(S)+V+ OBJ+ADJ ADV.

Na amostra, vemos que a criança B profere de forma recorrente construções com as perífrases verbais e, como postulado nos pressupostos da LFCU, entendemos que ela pegou o padrão por tê-lo ouvido muitas vezes dentro das cenas de atenção conjunta.

Os verbos que ocorreram na posição V1 foram: *estar*, *querer*, e o verbo *ir*. Na posição V2, ocorreram: *escrever*, *brincar*, *dormir*, *colocar*, *correr*, *chover*, *pegar*, *amassar*, *cair*, *sentar*, *ficar*, *mexer*, *comer*, *beber*, *imitar*, *fazer*, *amarrar*, *molhar*.

Os verbos na posição 2 ocorrem na fala da criança B quase que em unanimidade no gerúndio, ou seja, indicam uma ação progressiva, como ilustra o quadro 4.

Ela adquiriu essa construção e a repete muitas vezes, sempre com esses 3 verbos na posição 1 e com uma variedade de verbos na posição 2. Em itálico vemos o verbo *estar* como auxiliar e uma diversidade de verbos principais em negrito.

Quadro (10): Construção (S)+ V1+ V2

	(S)+ V1 + V2
--	--------------

1	<i>Tá colocando</i> mão potoque (20M)
2	<i>Tá quevendo</i> (20m)
3	<i>To bincando</i> (20m)
4	<i>Tá mimindo</i> (20m)
5	<i>To coocando</i> (20m)
6	<i>Tá coendo.</i> (21m)
7	<i>Tá chuvendi</i> não (21m)
8	<i>Tá pegando</i> (21M)
9	<i>Tá massando</i> mamãe (21M)
10	<i>Tá caindo</i> (21M)

Segundo Radford, um grande linguista da vertente gerativista, as crianças passam por 4 fases para a aquisição da linguagem por completo, mas essas fases se diferem muito das descritas por Tomasello na perspectiva sociocognitivista. A primeira fase é a “pré-linguística” (de 0 a 12 meses), em que não há nenhuma manifestação linguística, ou seja, ela ainda não profere palavras, apenas sons e gestos. Na segunda fase, chamada “fase de uma palavra” (de 12 a 18 meses), as crianças proferem sentenças de apenas uma palavra.

Se a fala da criança B fosse analisada dentro da proposta gerativa, ela estaria na fase 3 “fase multivocabular inicial” que ocorre dos 18 a 24 meses. Nessa fase, a criança desenvolve os sistemas lexicais, que compreendem o sistema nominal, verbal, adjetival e preposicional, mas não adquiriu ainda o sistema funcional que compreendem os artigos, verbos de ligação, auxiliares, pronomes demonstrativos e possessivos e etc. Nessa fase, então, a criança falava somente sentenças curtas, sem os elementos funcionais, pois esses serão adquiridos somente depois da criança dominar de forma plena o sistema lexical.

Entretanto, depois de analisar a fala da criança B, vemos que, com 21 meses, ela já profere frases com verbos auxiliares e principais e, inclusive, são as construções com mais recorrência na amostra. E na visão formalista de Radford, verbos auxiliares são categorias funcionais, que dessa forma só apareceriam na última fase de aquisição, junto com as demais categorias funcionais. Vemos também que ela já utiliza verbos de ligação, como no exemplo 5 da construção (S)+V+PRED, “Papai é miito (21M)”, dentre outros elementos que, segundo Radford, apareceria apenas na quarta fase.

Nossa pesquisa demonstra que não há uma ordem pré-estabelecida de aquisição, com subdivisões de categorias lexicais e funcionais/gramaticais. A criança aprende as construções

linguísticas a partir do que ela mais ouve e usa, com base em processos cognitivos de domínio geral. Numa visão construcionista, não há distinção nítida entre léxico e gramática, a língua é constituída por construções. A criança memoriza a construção do tipo V1 + V2 no seu contexto de uso, assim como adquire SN + V + SN (ou, em outros termos, S+V+Obj), por exemplo. Ela apreende o padrão e os itens que podem preencher cada *slot* da construção abstrata.

4 A ABORDAGEM DE TOMASELLO E AS CONSTRUÇÕES DA AMOSTRA ANALISADA

Vimos na sessão anterior que a corrente gerativa, com os estudos visão de Radford, também explica o processo de aquisição e o divide em 4 fases, sendo essas diferentes das fases que Tomasello descreve em suas pesquisas e, portanto, diferentes da compreensão de aquisição apresentada aqui. Além disso, as fases apresentadas por Radford, são partes dos mecanismos inatos da linguagem, e a entrada de cada fase está relacionada ao tempo de maturação do órgão da linguagem (G.U). Um problema que apontamos foi o fato de Radford dizer que todas categorias funcionais aparecem ao mesmo tempo na quarta fase de aquisição.

A criança aqui analisada produz enunciados com determinados elementos funcionais, como verbos de ligação e verbos auxiliares, como conectores e pronomes. Esta é uma das razões para apontarmos como vantajosa uma visão baseada no uso, não inatista, que compreende que as crianças vão pouco a pouco, a partir dos dados que ela houve, abstraindo padrões mais gerais. Suas capacidades de ler intenções, de se colocar no lugar do outro, de categorizar e de fazer analogias são determinantes para o uso e compreensão de frases inéditas, mas com padrões já adquiridos.

A análise feita legítima que não há como separar o sistema lexical do sistema funcional, pois o que importa é o reconhecimento e uso de construções. A criança só vai conseguir adquirir um *constructicon* (conjunto de construções em rede) semelhante ao do adulto com o uso diário da língua e desenvolvimento contínuo do sistema cognitivo.

Segundo Tomasello, a primeira fase, das “holófrases”, só é possível a partir da revolução dos 9 meses, que acontece quando a criança entende a outra pessoa como um ser intencional; a partir dos 14 meses, ela começa a proferir palavras “soltas” e com essas palavras se fazer compreender., quando ela diz, por exemplo, “mais” quando está tomando um suco, o seu responsável entende que ela quer mais suco. Mesmo que ela tenha dito apenas uma palavra, já dá conta de todo ato comunicativo.

Observamos traços dessa primeira fase em todas as outras fases e, inclusive, na nossa vida adulta. Com o tempo, ao desenvolver suas habilidades socioculturais, a criança entra na segunda fase, a das “construções verbais insuladas”, que é dividida em duas partes: a primeira das “construções pivô” e posteriormente das “construções verbais insuladas” propriamente ditas.

Após a análise, verifica-se que a criança B já passou da fase das construções verbais insuladas, pois vemos na amostra que ela já adquiriu diversas construções e se observarmos

cada construção descrita anteriormente, veremos que elas já são abstratas, como as construções apresentadas nos quadros no capítulo 3, o que indica que ela já está na fase das construções abstratas.

Conforme afirma Tomasello (2003:199): “pode-se, portanto, afirmar de forma geral que as crianças pequenas principiam com construções linguísticas baseadas em itens linguísticos singulares e só gradualmente formam construções mais abstratas.”

A partir das construções abstratas, fase em que a criança B se encontra, e de acordo com as experiências com construções linguísticas as quais a criança está exposta a cada dia, ela chegará à fase das narrativas. Essa fase consiste no uso de enunciados com conectivos, com orações coordenadas, com orações subordinadas, com pronomes e, dessa forma, emitir produções orais que vão além de períodos simples, podendo compreender e contar histórias, argumentar, descrever, dentre outras ações necessárias para produção de diversos tipos e gêneros textuais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, após a análise descritiva da amostra de apenas 2 meses de fala da criança B, concluímos que as fases descritas por Tomasello aparecem e são representadas pelos dados para a realização desse trabalho.

O processo de aquisição da linguagem é discutido por diversas vertentes, mas para a LFCU, o uso e a interação com a língua é a forma mais plausível para que esse processo aconteça, pois é a partir da interação e através de processos cognitivos de domínio geral que as crianças adquirem as construções linguísticas e podem compreender e criar palavras e frases inéditas.

Ao final da análise da fala da criança B, também vimos que, se formos analisar nossa própria fala como adultos, também observaremos que a cada dia surgem novas construções e que assim como as, estamos aprendendo diariamente, ou seja, a aquisição de construções é um processo contínuo.

A LFCU preenche diversas lacunas não preenchidas por outras vertentes e com a experiência docente que tenho com crianças na mesma faixa etária da criança B, além de todo potencial cognitivo que é responsável pela nossa aprendizagem por completo, o uso e a interação com a língua é imprescindível para o sucesso do processo de aquisição da linguagem.

Vimos que a criança B já tem muitas construções linguísticas adquiridas, mesmo na amostra em que ela ainda tem menos de dois anos. A comunicação intensa com outras pessoas, o estímulo do meio, os processos cognitivos de domínio geral, tais como categorização, a capacidade de ler intenções, são essenciais para a produção da linguagem simbólica, s construções linguísticas. Nosso trabalho demonstrou, inclusive, que construções bastante complexas como as que tem sujeito, verbo auxiliar, verbo principal e objeto já são frequentemente usadas pela criança e são usadas de modo bastante coerente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAÇADO, Jussara; Kenedy, Eduardo. Aquisição da linguagem: palavras iniciais. *Gragoatá* (UFF), v. 30, p. 13-35, 2011.
- ALMEIDA, P.N. *Educação Lúdica: técnicas e jogos pedagógicos*. 9ª Ed. São Paulo: Loyola, 295p. 1998.
- CEZARIO, Maria Maura. ALONSO, Karen Sampaio. Contribuição do Modelo da Construcionalização e Mudanças Construcionais: Reflexões em Português. *Revista Soletras*. Rio de Janeiro, 2019.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press. 2010.
- CAMPOS, Júlia Langer. *A Competição Entre [Verbo Adjetivo Adverbial] e [VerboXmente] na Rede Construcional Qualitativa do Português Brasileiro: Uma Análise Centrada no Uso*. 148 f. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.
- CEZARIO. Amostra de fala de uma criança de 20 meses. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995. Mimeo.
- CEZARIO, M. M. C.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2013. v. 1. 1891p.
- CROFT, W. *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- GIVON, T. *Functionalism and Grammar*. New York, 1995.
- GIVON, T. *Syntax. A functional-typological introduction*. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- GOLDBERG, A. E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- HEINE, U.I., Munoz E.F., Flanders K.C., Ellingsworth L.R., Lam H.-Y.P., Thompson N.L., Roberts A.B., Sporn M.J. *Cell Biol.*, 105 (1987), pp. 2861-2876
- MARTELOTTA, Mario Eduardo. *Manual de Linguística*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- RADFORD, L. *The eye as a theoretician: Seeing structures in generalizing activities*. For the Learning of Mathematics, 30(2), p. 2-7, 2010.

SOARES, Bruna das Graças. *Mudança na Rede Construcional do Sintagma Nominal para Pronome: A Construcionalização de [A Gente]*. 2018. 172 f. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

THOMPSON, S. A.; HOPPER, P. Transitivity, clause structure, and argument structure: evidence from conversation. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Eds.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

TOMASSELO, Michael. *Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.